



A LÍNGUA, O LINGUISTA E A LINGUÍSTICA EM SAUSSURE: UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL

LANGUAGE (LANGUE), THE LINGUIST AND THE LINGUISTICS IN SAUSSURE'S WORK: A FUNDAMENTAL ISSUE

Raul de Carvalho Rocha 1

Resumo: Este trabalho discute o entrelaçamento entre a língua, o linguista e a Linguística em Saussure, partindo da hipótese de que a reflexão saussuriana sobre a natureza do fenômeno linguístico e a preocupação com o estabelecimento do método têm implicações sobre aquilo que Saussure concebe como o fazer do linguista e o domínio da Linguística. Constituem o corpus as conferências ministradas por Saussure na Universidade de Genebra (1891), as notas *Critique de l'expression Grammaire Comparée* e o *Curso de Linguística Geral* (1916). Argumenta-se que o referido entrelaçamento constitui ramificações de uma mesma inquietação saussuriana: fornecer os fundamentos de uma ciência da linguagem autônoma.

Palavras-chave: Saussure. Língua. Linguista. Epistemologia Linguística.

Abstract: This paper discusses the intertwining of language (*langue*), the linguist and the Linguistics in Saussure's work. This is assuming that Saussure's reflections on the nature of the language and his concern with the establishment of the method affect the way he understands the linguist's work and the field of Linguistics. The corpus for this study consists of the first lectures given by Saussure at the University of Geneva (1891), the handwritten notes *Critique de l'expression Grammaire Comparée* and the *Course in General Linguistics* (1916). It is argued that the above-mentioned intertwining constitutes the ramifications of Saussure's concern with the epistemological foundations of an autonomous linguistic science.

Keywords: Saussure. Language (*Langue*). Linguist. Linguistic Epistemology.

Introdução

Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos.

Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I* (1966).

“Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?”¹, questiona o linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857–1913) no *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG* ou *Curso*) — obra que, editada por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger e publicada em 1916, rendeu a Saussure o título de fundador da Linguística Moderna. Em partes, esse título lhe é atribuído pela resposta que o autor fornece à questão anterior: esse objeto é a *língua*. A eleição do objeto da Linguística no *CLG* é apresentada com uma exposição prolongada sobre a sua natureza e as dificuldades de defini-lo. Essa atitude saussuriana no *Curso* é, como Normand (2009) reconhece, aquela própria de um teórico da Linguística, que é como frequentemente se apresenta Saussure. No entanto, a autora ressalta que essa questão teórica, que o *CLG* coloca e busca responder, “é suscitada a princípio por uma preocupação de linguista-pesquisador, que é, por muitas razões, a de um gramático” (NORMAND, 2009, p. 34).

A necessidade de dar um objeto à Linguística, de conceituá-lo, tornara-se imperativa no fim do século XIX, sobretudo diante dos êxitos empíricos alcançados pela Gramática Comparada, e foi particularmente sentida por Saussure. Amplamente divulgada é a carta que o linguista remeteu, em 1894, a Antoine Meillet (1866–1936), seu aluno e amigo, na qual expressa a sua aflição:

Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, para escrever dez linhas quando se tem senso comum em matéria de fatos de linguagem. [...] vejo cada vez mais, também, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz (SAUSSURE, 1894, *apud* BENVENISTE, 1995[1963], p. 40, grifos do original).

Um pouco mais adiante, nessa mesma correspondência, o linguista expõe a sua insatisfação com a “absoluta inépcia da terminologia corrente”, a qual lhe impunha a “necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a *língua em geral*” (SAUSSURE, 1894, *apud* BENVENISTE, 1995[1963], p. 40, grifos meus).

A preocupação de Saussure com a ciência Linguística e o fazer do linguista é identificável no *CLG*. No segundo capítulo da Introdução do *Curso*, por exemplo, Saussure (2012[1916], p. 37) elenca a tarefa da Linguística: (I) realizar a descrição e a história do maior número de línguas possível; (II) buscar as forças que atuam, universal e permanentemente, nas diferentes línguas e deduzir as leis gerais que regem os fenômenos observáveis na história; e, por fim, (III) delimitar-se e definir-se. Flores (2009), ao realizar um mapeamento das ocorrências do termo “linguista” no *CLG*, contabiliza dezessete menções em que a palavra é utilizada em referência ao *fazer do linguista*, aí inseridas aquelas concernentes às tarefas e aos deveres desse profissional. Tais ocorrências aparecem em passagens que Flores (2009) agrupa em “posições”, categorizadas como aquelas relativas a reflexões sobre o que o linguista deve fazer e conhecer, as que relacionam o linguista a um determinado entendimento de língua — nomeadamente, o de língua como sistema —, as que relacionam o linguista à língua como sistema mediada pela definição do método da Linguística sincrônica e, por fim, as que intitula “posições paradoxais”.

Normand (2009) observa que se interrogar sobre “o que se faz em uma descrição e em uma reflexão sobre a língua”, bem como buscar o modo adequado de proceder, é um típico posicionamento epistemológico. Considerando que a inquietação saussuriana advinda desse posicionamento está presente em fontes e momentos distintos de sua reflexão, busco discutir o

¹ Cf. SAUSSURE, F. “Objeto da Linguística”. In: SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

entrelaçamento que a língua, o linguista e a Linguística possuem ante essa tomada de posição, assumindo como ponto de partida desse entrelaçamento a necessidade de dar um objeto à Linguística que a satisfizesse na qualidade de uma ciência autônoma. A minha hipótese é a de que a conceituação desse objeto e a preocupação com o estabelecimento do método repercutem nas reflexões de Saussure sobre o fazer do linguista e sobre a delimitação do campo da Linguística, alicerçando-as.

Para a realização deste trabalho, utilizarei, além do *Curso de Linguística Geral*, as conferências proferidas por Saussure à época de sua chegada à Universidade de Genebra (1891) e duas notas manuscritas intituladas *Critique de l'expression Grammaire Comparée*. Esses dois materiais, aos quais concederei ênfase, foram catalogados e arquivados por Robert Godel, em momentos distintos, sob a rubrica 3951, intitulada *Notes de Linguistique Générale*, na Biblioteca Pública da Universidade de Genebra. Em 1974, eles foram publicados no segundo tomo da edição crítica do *CLG* realizada por Rudolf Engler e, posteriormente, reunidos nos *Escritos de Linguística Geral (ELG)*, organizados por Engler e Simon Bouquet em 2002. Aqui, privilegiarei a transcrição feita por Engler em 1974 em detrimento da edição presente nos *ELG*, visto que aquela preserva, ainda que discretamente, a escrita hesitante de Saussure durante a sua elaboração teórica². Ainda que eu não tematize essa hesitação, considero importante o seu registro, pois explicita as inquietações saussurianas em sua elaboração teórica, bem como o caráter aberto e lacunar de sua reflexão, que contrasta com o caráter de obra completa e acabada dado pelos editores ao seu pensamento no *Curso*.

O percurso de minha reflexão neste artigo será o seguinte: primeiro, situarei discretamente o pensamento de Saussure no século XIX, durante o qual imperavam os estudos da Gramática Comparada, que, conforme Auroux (2000), enfrentava uma crise de fundamentos. Em seguida, a partir da leitura das conferências, explorarei a reflexão saussuriana sobre a língua, o linguista e a Linguística, respectivamente; ao tratar do linguista, introduzirei o *Curso* à discussão e, ao passar para a Linguística, utilizarei, além do *Curso*, as notas *Critique de l'expression Grammaire Comparée*. Nesse intercurso, explorarei aquilo que compreendo como o entrelaçamento da referida tríade, isto é, o fato de um entendimento saussuriano de língua nesses textos perpassar as suas reflexões sobre o fazer do linguista e o domínio da Linguística. A meu ver, estes últimos são pensados sob o alicerce das considerações saussurianas sobre a *língua em si* — daí ser o objeto *língua* o cerne desse entrelaçamento, conforme proponho. Finalmente, farei as considerações finais.

A Gramática Comparada: uma ciência em crise

Em um item intitulado *Courte histoire de la science Linguistique*³, publicado por Engler em 1974, Saussure (1990, p. 40) afirma que “*le passé de la Linguistique se compose d'un doute général sur son rôle, <sur se place, sur sa valeur, [...]> accompagné de colossales acquisitions sur les faits, sur des faits dont on n'avait pas la moindre idée jusqu'en 1810 [...]*”⁴. Vê-se que o autor identifica um sentimento geral em torno da ciência da linguagem: o de crise em meio a um incontestável êxito. No *Curso*, as considerações saussurianas sobre a Gramática Comparada caminham na mesma direção. Para o autor, essa ciência, cuja fundação se deve à obra de Franz Bopp (1791–1867), *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache* (1816), possui o mérito irrevogável de abrir caminhos novos e fecundos para os estudos da linguagem. Conforme Saussure afirma, ainda que afinidades entre o sânscrito, o grego e o latim houvessem sido assinaladas em momentos anteriores, foi Bopp quem compreendeu que as relações de parentesco entre línguas da Ásia e da Europa poder-se-iam transformar em objeto de uma ciência autônoma.

2 No Avant-Propos de sua edição crítica, Engler (1990[1974]) esclarece que os trechos entre parênteses angulares (“< >”) representam as correções e acréscimos efetuados pelo próprio Saussure nos manuscritos. Aqui, ainda que eu não os problematize, reproduzo todas as suas ocorrências.

3 Por uma questão de comodidade, as traduções presentes nas notas serão sempre aquelas feitas por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco dos ELG — publicado no Brasil em 2004 —, ainda que, no corpo do texto, seja utilizada a transcrição de Engler. Isto posto, segue a tradução do título desse item feita por Salum e Franco: “Breve história da ciência Linguística” (SAUSSURE, 2004, p. 103).

4 Tradução de Salum e Franco: “O passado da Linguística se compõe de uma dúvida geral sobre o seu papel, sobre o seu lugar, sobre o seu valor [...], acompanhada de colossais aquisições sobre os fatos, sobre os fatos de que não se tinha a menor ideia até 1810” (SAUSSURE, 2004, p. 103).

Apesar do reconhecimento desse importante gesto de Bopp, Saussure não poupou críticas à tradição comparatista. No *CLG*, por exemplo, ele diz: “[...] a Gramática Comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria [...]” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 34). Para o autor, este erro, o primeiro, desencadeou todos os demais. À superestima que conferiu ao método comparativo em lugar do histórico, e que conduziu os comparatistas a uma série de “conceitos errôneos”, acresce o fato de a Gramática Comparada jamais se ter preocupado em determinar a natureza de seu objeto. “Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria”, diz Saussure (2012[1916], p. 34). Por este motivo, essa escola, apesar de seus êxitos, não chegou a constituir a “verdadeira ciência da linguagem” aos olhos do mestre genebrino.

É nos anos 1870 que Saussure reconhece existir uma guinada nos estudos linguísticos, a qual atribui aos esforços de linguistas como o americano William Whitney (1827–1894) e os alemães Karl Brugmann (1849–1819), Hermann Osthoff (1847–1909) e Hermann Paul (1846–1921), representantes da Escola Neogramática. Em Whitney, Saussure reconhece “*le premier généralisateur qui <ait su ne> pas tirer des conclusions absurdes sur le Langage de l’œuvre de la grammaire*” (SAUSSURE, 1990, p. 22)⁵, enquanto, aos Neogramáticos, o autor atribui o mérito de colocar em perspectiva histórica os resultados da comparação, congratulando-lhes por sua oposição às concepções naturalistas de que se haviam impregnado os estudos linguísticos sob a forte influência de August Schleicher (1821–1868) e Max Müller (1823-1900). Ainda assim, diz Saussure (2012[1916], p. 35-36), os problemas fundamentais da Linguística Geral permaneciam sem soluções.

Auroux (2000, p. 411) observa que, a despeito dos êxitos alcançados pelo comparatismo no último quartel do século XIX, a Linguística encontrava-se em uma verdadeira “crise de fundamentos”. Essa crise sem precedentes devia-se, sobretudo, ao fato de essa ciência ser incapaz de determinar a natureza de seu objeto, de dizer o que é uma *língua*. Como observa Normand (2009), os linguistas desse período afirmavam explicitamente estudar a linguagem e as línguas, sem, no entanto, estabelecer uma relação clara entre elas nem precisar em quais termos compreendiam *linguagem*. Para a autora, Saussure coloca, então, aos seus contemporâneos, a questão que eles sempre evitaram: “Vocês sabem o que fazem ou do que falam?”. Para propor uma resposta, fazia-se necessário, como foi visto páginas atrás, mostrar ao linguista o que é a língua em geral.

Uma questão de fundamentos

Ante o exposto, retomo a hipótese que direciona este texto: a de que a necessidade de dar um objeto à Linguística, de conceituá-lo, e de estabelecer o método produz efeitos nas considerações de Saussure sobre o fazer do linguista e sobre a ciência Linguística. Dito de outro modo, os questionamentos de Saussure sobre a natureza do fenômeno linguístico e a preocupação com a sua descrição repercutem sobre o que o autor considera ser o modo como o linguista deve operar com o seu objeto e sobre o escopo da Linguística — o que implica, portanto, a sua delimitação. Exploro esses efeitos a partir das conferências proferidas pelo autor na Universidade de Genebra (1891), dos manuscritos intitulados *Critique de l’expression Grammaire Comparée* e do *Curso de Linguística Geral*, com especial ênfase nas fontes manuscritas. Ainda que recorra a outras fontes do autor⁶, é àquelas três que concederei maior atenção. Dada a minha hipótese, é da língua que me devo ocupar em primeiro lugar, o que faço a partir das conferências.

A língua

Ao eleger a língua como o ponto de partida de minha reflexão, faço-o não apenas pelo estatuto de objeto da Linguística que lhe é conferido no *Curso*. Tenho outros três motivos: (I) o fato de Normand (2009) afirmar que a questão “Qual é o objeto da Linguística?” imporá a Saussure a

5 Tradução de Salum e Franco: “[...] o primeiro generalizador que soube não tirar conclusões absurdas, sobre a linguagem, da obra da gramática” (SAUSSURE, 2004, p. 176).

6 Em verdade, faço-o uma única vez na subseção “O linguista”, logo abaixo.

necessidade de uma revisão na Linguística, terminológica e conceitualmente — necessidade essa efetivamente colocada por Saussure na supracitada carta a Meillet. Para Normand (2009, p. 49), essa revisão será realizada com vistas a “operar as demarcações fundadoras”; (II) a afirmação de Silveira (2007, p. 138), segundo a qual existe no manuscrito *Première Conférence* um deslocamento de Saussure em direção à ordem própria da língua,⁷ no qual é possível identificar o esforço saussuriano de destituir esse objeto dos aspectos acessórios e de cernir o que lhe é central; por fim, (III) o fato de Aroux (2000), como expus, identificar no cerne da crise de fundamentos da Linguística a sua incapacidade de definir o que é uma língua.

Partindo desses três pontos, que, a meu ver, corroboram a parte de minha hipótese concernente à repercussão que a reflexão saussuriana sobre a língua possui sobre a Linguística e sobre o fazer do linguista, é necessário precisar aquilo que dessa reflexão produz esses efeitos: penso ser justamente o seu gesto de destituição dos aspectos exteriores ao funcionamento da língua (SILVEIRA, 2007; 2013) o desencadeador de implicações epistemológicas importantes sobre a compreensão saussuriana do fazer do linguista e da condição de uma ciência Linguística autônoma. Por isso a necessidade, antes de qualquer coisa, de recuperar os indícios textuais desse gesto justamente nas conferências. Afinal, Silveira (2013) afirma existir nesse conjunto de manuscritos — o qual é bastante distante, cronologicamente, dos cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 — indícios do percurso saussuriano na construção de conceitos caros à Linguística Moderna.

Retomando Normand (2009), questionar o fazer descritivo, a reflexão sobre uma língua e os procedimentos adequados é assumir um posicionamento epistemológico. As conferências de 1891, então, são uma fonte valiosa. Bouquet (2000), por exemplo, reconhece esse conjunto de manuscritos como o mais antigo, passível de ser datado, a conter uma teoria epistemológica em Saussure. Ainda que esse autor esclareça que reflexões dessa natureza tenham sido feitas por Saussure em momentos anteriores, inclusive em seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878) — obra que, como diz Benveniste (1995[1963], p. 35), representa a entrada de Saussure na ciência —, é nas conferências de Genebra que se pode encontrar um estágio contínuo e completo de uma reflexão epistemológica (BOUQUET, 2000).

Enfatizo aquele que me parece ser o esforço central de Saussure em seu gesto em direção à ordem própria da língua nesse conjunto de manuscritos, *i.e.*, apresentar ao seu auditório os princípios da continuidade e da transformação linguísticas sintetizados na asserção “toda língua tem em si mesma uma história”. Essa afirmação implica distinguir a *língua na História* e a *história da língua*. É somente nesta última que se encontra

[...] *une histoire qui se déroule perpétuellement, qui est faite d'une succession d'événements linguistiques, <lesquels> n'ont point eu de retentissement au-dehors [...]; de même qu'à leur tour ils sont complètement indépendants en général de ce qui se passe au-dehors* (SAUSSURE, 1990[1891], p. 5)⁸.

O esforço saussuriano é claro: apreender o funcionamento próprio da língua. É igualmente o gesto de afirmar que toda língua tem, em si mesma, uma história que Silveira (2013) identifica como aquilo que, nesses manuscritos, dão indícios do que viria a ser a ordem própria da língua de que fala Saussure.

A tentativa saussuriana de cernir o próprio da língua, nos termos de Silveira (2007), é marcada por um questionamento, posto ao seu auditório logo no início de sua exposição, referente à validade do estudo do fenômeno linguístico *em si*, quer em suas manifestações diversas, quer em suas leis gerais — estas apenas passíveis de serem apreendidas a partir das formas particulares (SAUSSURE, 1990[1891]). Há, portanto, uma articulação necessária entre o geral e o particular da(s)

⁷ Vale registrar que Silveira (2007) analisa o manuscrito saussuriano de fato, não as suas edições.

⁸ Tradução de Salum e Franco: “[...] uma história que se desenrola perpetuamente, feita de uma sucessão de acontecimentos linguísticos, que, exteriormente, não tiveram repercussão [...]; assim como são, por sua vez, completamente independentes, em geral, do que se passa exteriormente” (SAUSSURE, 2004, p. 131).

língua(s) nas conferências (DE MAURO, 1997[1967]), bem como uma provocação aos linguistas quanto ao seu olhar para a língua e, subjacente a ela, ao seu entendimento de língua. O ponto de vista da história da língua participa dessa articulação e explicita o deslocamento saussuriano em direção à ordem própria da língua que Silveira (2007) identifica na *Première Conférence*. Afinal, Saussure argumenta que toda língua possui uma história interna, a qual, além de ser uma de suas características constantes, desenvolve-se independentemente do que lhe passa ao exterior.

Dessa dupla constatação, surge o esforço saussuriano para expor os princípios da continuidade e da transformação, verificáveis em todas as línguas. Saussure tece longas considerações sobre esses princípios ao longo das três conferências, explorando-os muito detidamente na primeira e na segunda lições, respectivamente. Aqui, opto por sintetizá-las. No tocante ao primeiro princípio, esclarece o autor: a continuidade não significa a *fixidez* da língua. Trata-se, antes, de sua *não-interrupção*. Ao colocar esse princípio, Saussure adentra na natureza da língua, pois o princípio da não-interrupção implica a inexistência de razões devidas ao organismo linguístico para que uma língua cesse de ser transmitida. A supressão de uma língua só pode ser devida a uma causa externa, entre as quais o extermínio do povo que a fala ou a sua dominação por outro povo, do qual o grupo dominado adotará a língua. Em suas palavras,

Il n'arrive jamais qu'une langue meure d'épuisement intérieur, après avoir achevé sa carrière qui lui était donnée. En elle-même elle est impérissable, c'est-à-dire qu'il n'y a aucune raison pour que sa transmission s'arrête pour une cause tenant à l'organisation de cette langue (SAUSSURE, 1990[1891], p. 7)⁹.

É inegável, no entanto, que, após certo período, uma língua não permanece idêntica a si. Diante disso, Saussure introduz o segundo princípio, o da transformação, intimamente relacionado ao primeiro, o qual não contradiz. Ao introduzir esse princípio, Saussure contrapõe-se à corrente organicista nos estudos linguísticos, afirmando que há sempre a transformação de uma língua, jamais a geração de um novo ser linguístico distinto e independente daquele que o “precedeu”. Então, afirma o autor existir

Pas de langues mères, pas de langues filles, mais une langue une fois donnée qui roulera et se déroule <indéfiniment dans le temps>, sans aucun terme préfixé à son existence, sans qu'il y ait même de possibilité intérieure pour qu'elle finisse, s'il n'y a pas accident, et violence, <s'il n'y a pas> force <majeure>, supérieure et extérieure qui vienne l'abolir (SAUSSURE, 1990[1891], p. 8)¹⁰.

Saussure ilustra esse princípio a partir do francês e do latim, ressaltando que, entre eles, há, efetivamente, uma sucessão, mas que não existe dois seres distintos nessa sucessão. Existe, aí e em todo lugar, transformação. Para o autor, supor uma repartição entre o francês e o latim é assumir, por um lado, o ponto de vista equivocado do organicismo; por outro, o ponto de vista da imobilidade da língua, o qual anula o princípio da continuidade. Subjaz a essa suposição a noção de que possa existir uma língua em estado de equilíbrio ou repouso, ideia à qual Saussure (1990[1891], p. 8) se contrapõe: “*Le cas d'un idiome qui se trouverait en état d'immobilité et de repos ne se*

9 Tradução de Salum e Franco: “Uma língua jamais morre de esgotamento interior, depois de concluir a carreira que lhe foi dada. Em si mesma ela é imperecível, isto é, não há razão alguma para que a sua transmissão termine por uma causa que pertença à organização dessa língua” (SAUSSURE, 2004, p. 135).

10 Tradução de Salum e Franco: “Nada de línguas mães, nada de línguas filhas, mas uma língua uma vez dada, que rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado à sua existência, sem que haja nem mesmo a possibilidade interior de se acabar se não houver acidente, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la” (SAUSSURE, 2004, p. 137).

*présente pas*¹¹. Portanto, a transformação está implicada no princípio da continuidade da língua. Esses princípios, afirma Saussure, possuem valor universal.

Na terceira conferência, o autor afirma que tudo quanto foi dito fornece uma ideia da condição de “um idioma qualquer” diante do fator Tempo. Como fora pontuado em relação às conferências anteriores, o intento saussuriano é mostrar a articulação entre os estudos particulares e a generalização. Logo, esses princípios são verificáveis em quaisquer idiomas colocados diante de um intervalo de tempo. Trata-se, portanto, de determinar as condições de existência de uma língua qualquer, na medida em que ela apresenta propriedades que são passíveis de serem descritas como gerais justamente a partir de suas manifestações nas línguas particulares. Dessa terceira lição, deixo de lado o fator geográfico, no qual o autor se detém, mas é válido registrar que Saussure (1990[1891], p. 12) reconhece a sua articulação ao da distância cronológica.

Expostos, então, os princípios universais da “absoluta continuidade da língua no tempo” e, junto deste, o da “contínua transformação da língua no tempo” (SAUSSURE, 1990[1891], p. 12), e desfeitos os equívocos quanto à natureza do fenômeno linguístico, *i.e.*, desfeitas as noções equivocadas da reprodução de uma língua e da existência de duas coisas distintas em uma sucessão, é tempo de refletir sobre os efeitos da introdução desses princípios sobre o fazer do linguista. A meu ver, esses princípios articulam-se ao deslocamento teórico operado por Saussure em direção à ordem própria da língua, o qual, assim como Silveira (2013), assumo estar implicado no ponto de vista da história da língua. Sendo assim, concebo a participação desse deslocamento naquilo que Normand (2009, p. 49) identifica como sendo a operação das demarcações fundadoras pelos conceitos saussurianos, pois estes “vão definir o ponto de vista que o linguista deve adotar”. Sigo, então, com o linguista.

O linguista

A questão do linguista é por mim abordada na medida em que identifico, nas conferências, o gesto saussuriano de colocar um princípio teórico diretor para o fazer desse profissional. Começo, entretanto, a descrever um pouco mais a ordem da exposição saussuriana. É no início de sua conferência de abertura que Saussure defende ser a Linguística uma ciência *histórica*, conferindo a essa expressão um sentido preciso. É somente após a exposição desse posicionamento que Saussure introduz a questão do linguista e de seu objeto. Trata-se, antes de tudo, de instaurar um ponto de vista, qual seja, o da história da língua, o qual faz da Linguística uma ciência histórica e a partir do qual se desenvolverá o fazer do linguista.

O ponto de vista é uma questão cara a Saussure. No *CLG*, o autor aborda-o a partir de uma distinção entre a Linguística e as ciências que trabalham com objetos “dados previamente”, os quais podem ser considerados sob diferentes pontos de vista. “Em nosso campo, nada de semelhante ocorre”, pontua Saussure (2012[1916], p. 39), que segue: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. Os efeitos do gesto de instauração do supracitado ponto de vista, por Saussure, são então decisivos para o fazer do linguista. Como ele próprio esclarece:

Après cet exposé qui aura l'avantage de nous placer sur un terrain parfaitement net pour l'étude des faits particuliers, nous aborderons <avec plus de sûreté le> sujet spécial de la phonétique du grec e du latin où les occasions d'appliquer ces principes généraux se présentent sans cesse (SAUSSURE, 1990[1891], p. 6)¹².

11 Tradução de Salum e Franco: “Não ocorre o caso de um idioma que se encontre em estado de imobilidade e de repouso” (SAUSSURE, 2004, p. 138).

12 Tradução de Salum e Franco: “Depois dessa exposição, que terá a vantagem de nos colocar sobre um terreno perfeitamente preciso para o estudo dos fatos particulares, abordaremos, com mais certeza, o assunto especial da fonética do grego e do latim, onde as ocasiões para aplicar esses princípios gerais se apresentam sem cessar” (SAUSSURE, 2004, p. 132-133).

Ora, o próprio Saussure propõe serem os princípios da continuidade e da transformação linguísticas pontos de ancoragem para a análise dos *faits particuliers*, cujo fim, do qual o linguista deve sempre se manter ciente, é a produção de generalizações sobre a língua. A tarefa do linguista, para Saussure, nas conferências, é essa: a partir dos fatos particulares, compreender o funcionamento geral da língua e, ao formular as leis que a regem, verificá-las nas línguas particulares. Trata-se de uma via de mão dupla. No entanto, é preciso antes colocar-se no terreno da língua em si. Destaco a ausência, nesse conjunto de manuscritos, de uma definição de “língua como sistema de signos”, como aparece no *CLG*. Aqui, o gesto não é necessariamente guiado por um conceito de língua explicitamente formulado, mas por uma compreensão do fenômeno linguístico e dos princípios que o regem, o que, como foi visto em Silveira (2007; 2013), implica um deslocamento em direção à ordem própria da língua.

A necessidade de esclarecer, antes de qualquer coisa, a natureza do fenômeno que se propõe a estudar parece-me ser então crucial. Em outro manuscrito,¹³ Saussure diz que

Il est très comique d'assister <sur le point de vue de A ou de B> aux rires successifs des linguistes, parce que ces rires semblent supposer la possession d'une vérité, et que c'est justement l'absolue absence d'une vérité fondamentale qui caractérise jusqu'à ce jour le linguiste (SAUSSURE, 1990, p. 40)¹⁴.

É preciso, em primeiro lugar, compreender a realidade fundamental da língua, cujo funcionamento e a natureza podem ser apreendidos a partir do estudo da língua em si implicado no ponto de vista da história da língua, conforme é posto nas conferências. Há, portanto, uma articulação entre um entendimento de língua, como propõe Flores (2009) em sua leitura do *CLG*, e o fazer do linguista, este que, compreendendo a natureza do fenômeno, saberá posicionar-se teórica e metodologicamente diante do objeto. Objeto esse que não é prévio, mas que é criado a partir do momento em que se instaura um ponto de vista. Essa atitude só pode ser tomada sob a orientação do reconhecimento de que existe uma ordem própria da língua. A meu ver, é essa a “verdade fundamental” que escapava aos linguistas, à qual Saussure chega a partir de suas análises de linguista — sobre as quais reflete enquanto teórico da Linguística — e cujos esforços para demonstrá-la são recuperáveis nas conferências e evidenciam os efeitos, sobre o linguista, da reflexão saussuriana acerca do objeto.

A ênfase concedida por Saussure à história da língua é então capital, pois, retomo, explicita a ausência de interferência de elementos externos no funcionamento da língua: é uma história feita de eventos linguísticos. A instauração do ponto de vista da história da língua repercute sobre o fazer do linguista, apto, agora, a ver a língua como um objeto de análise *histórica*, e não *abstrata*. É justamente Saussure (1990[1891], p. 5) quem o diz: “Tudo na língua é histórico”. Prosseguindo,

Toute langue <présente un peu, comme ces grandes moraines qu'on voit au bord de nos glaciers, le tableau d'un prodigieux amas de choses charriées à travers les siècles, mais de choses qui ont une date, et des dates très différentes, de même que l'on peut reconnaître dans les dépôts <glaciaires>, que je comparais, que tel morceau de granit vient d'une distance de plusieurs lieues <des plus hauts sommets de la chaîne>, pendant que tel bloc de <quartz> remonte à peine aux premiers contreforts de la montagne (SAUSSURE, 1990[1891], p. 5)¹⁵.

13 SAUSSURE, F. “Notes Item – 3321.2. Item”. In: SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica por Rudolf Engler. Tome II: Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990[1974].

14 Tradução de Salum e Franco: “É muito cômico assistir aos gracejos sucessivos dos linguistas sobre o ponto de vista A ou B, porque esses gracejos parecem supor a posse de uma verdade, e é justamente a absoluta ausência de uma verdade fundamental que caracteriza, até hoje, o linguista” (SAUSSURE, 2004, p. 104).

15 Tradução de Salum e Franco: “Toda língua apresenta, um pouco como as grandes morainas que se vê nas nossas geleiras, o painel de um prodigioso acúmulo de coisas trazidas através dos séculos, mas de coisas que

É interessante notar que Saussure recorre à metáfora como recurso didático para aclarar ao público o que se está a discutir. Afinal, apesar de esses textos, no contexto brasileiro, terem sido traduzidos por “conferências”, eles, muito provavelmente, correspondem às três primeiras aulas de Saussure para o curso *Phonétique du grec et du latin*, ministrado na Universidade de Genebra entre 1891 e 1892 (SILVEIRA, 2013). Silveira (2013) observa ainda que, enquanto, em português, o sentido de “conferência” é muito preciso, em língua francesa a expressão “*conférence*” admite o sentido de “aula” da língua portuguesa, o que explicaria a designação, por Godel, desses manuscritos de *Trois premières conférences à l'Université (Cours d'ouverture, nov. 1891)*.

A preocupação didática de Saussure parece-me ser de suma importância, na medida em que, como foi visto anteriormente, os princípios introduzidos visam à abordagem da fonética do grego e do latim — matéria do curso —, em que, diz o autor, a aplicação desses princípios gerais se apresentará “sem cessar”. Trata-se, uma vez mais, de uma relação necessária entre o estudo das línguas particulares e uma teorização sobre a língua. A reflexão teórica sobre a língua possui, então, efeitos importantes sobre o fazer do linguista, entrelaçando *língua* e *linguista*. Somente após a exposição dos seus princípios gerais (*i.e.*, a continuidade e a transformação), Saussure consegue enfatizar a necessidade de se repensar a relação francês–latim e questionar a crença de que existem dois seres distintos nessa sucessão, conforme foi discutido antes. O autor então menciona a influência que exerce sobre o espírito o fato de essa sucessão possuir dois nomes distintos e insiste que, a despeito dessa questão “terminológica”, em realidade, não são duas coisas distintas que se verifica (SAUSSURE, 1990[1891], p. 11). Ressaltar esse problema terminológico, ao qual subjazem questões teóricas sobre a natureza do fenômeno, é então fundamental: ele mostra que é preciso expurgar do espírito do linguista o equívoco da repartição da língua, da geração, da produção de um novo ser linguístico e distinto. Equívoco esse agravado pela existência de dois termos distintos para uma mesma realidade. Ora, essa é uma questão de especial importância para o linguista, pois toca o seu fazer, de modo que, retomo, é possível ver a preocupação de Saussure, um professor, com a formação desse profissional.

Por que digo que essa é uma questão que toca o fazer do linguista? A resposta pode estar no *Curso*. Lá, Saussure bem coloca que a história da língua só é acessível e só interessa ao linguista; o falante faz tábula rasa da sucessão dos fatos de língua no tempo (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123)¹⁶. Não é apenas no *Curso* que é possível ver a relação dessa questão teórica com o linguista. Na terceira conferência, Saussure também a explicita:

Ce n'est — <tous les linguistes le savent> — que par l'observation <particulièrement prolongée> de ce qu'est la langue de texte en texte, de cinquante ans en cinquante ans, ou de vingt ans en vingt ans, qu'on arrive enfin à se pénétrer soi-même, profondément, <définitivement>, de l'absolue vanité (et inanité) d'une dénomination différente comme latin ou français (SAUSSURE, 1990[1891], p. 11)¹⁷.

têm uma data, e datas muito diferentes, assim como se pode perceber, nos depósitos glaciares que eu usei na comparação, que tal pedaço de granito percorreu uma distância de muitas léguas, vindo dos mais altos cumes da cordilheira, enquanto que tal bloco de quartzo remonta apenas aos primeiros contrafortes da montanha” (SAUSSURE, 2004, p. 131-132).

16 A menção a essa passagem pode parecer contraditória, visto que, no CLG, ela aparece justamente quando Saussure defende que o linguista, para compreender o estado de língua, coloque-se no lugar de falante e faça tábula rasa da diacronia. Essa aparente contradição, a meu ver, não invalida o argumento de que é ao linguista que a história da língua interessa. Afinal, para fazer tábula rasa da diacronia e compreender a língua em um estado, é preciso que o linguista tenha, antes, esclarecida a natureza do fenômeno linguístico e que a sua apreensão só pode se dar a partir de um ponto de vista, esse, sim, responsável por criar o objeto. Logo, é exigido do linguista, não do falante, saber posicionar-se. Ao falante, o posicionamento não é uma exigência, pois, para ele, a língua em um estado é a única realidade. Portanto, volto à questão que me parece fundamental e que, a meu ver, repercute sobre o fazer do linguista: é preciso, antes, entender a natureza do objeto língua. Além disso, recordo o que foi discutido na subseção anterior, que demonstra que o ponto de vista da história da língua, para Saussure, não se confunde com a diacronia, mas é a continuidade ininterrupta da língua no tempo. Essa, de fato, inclui a transformação linguística (obliterada pelo falante), mas não se limita a ela.

17 Tradução de Salum e Franco: “É apenas — todos os linguistas o sabem — [pela] observação particularmente prolongada do que é a língua de texto em texto, de cinquenta em cinquenta anos ou de vinte em vinte anos,

É ao linguista que compete compreender esse aspecto do funcionamento linguístico e é, portanto, ao linguista que se deve esclarecer esse funcionamento. Parece-me, entretanto, que esse esclarecimento não se pode dar a conhecer senão sob o ponto de vista da língua em si, daí o papel da história interna: não se trata de pensar os esclarecimentos que a língua presta à História (e ela efetivamente o faz), mas de ver o que a história das línguas — à qual apenas o linguista tem acesso — revela do mecanismo da língua. Logo, é a posição do linguista diante do fenômeno que deve ser outra. Somente após esclarecida a natureza do fenômeno é possível adotar um princípio teórico para a análise dos fatos particulares que não seja o que se materializa na expressão “o francês *vem* do latim” — a qual revela, por si só, uma posição teórica, ainda que nem sempre explicitamente evocada nem “consciente” — e que permite fazer do estudo da língua um estudo histórico. Estudo esse, enfim, capaz de lançar luzes sobre a tarefa primeira do linguista: o estudo das línguas e da língua. O esclarecimento do fenômeno e a inscrição da língua como objeto de uma ciência histórica repercutem, indubitavelmente, no escopo da ciência Linguística. Passo a ela então.

A Linguística

Nas conferências, a questão da Linguística para Saussure está muito associada ao caráter histórico dessa ciência — em oposição ao caráter organicista de que se haviam revestido os estudos linguísticos ao longo do século XIX. Sem desprezar a preocupação saussuriana em marcar o estatuto de ciência histórica da Linguística, gostaria, no entanto, de destacar outro ponto que me serve de ancoragem para abordar a questão da Linguística a partir dessas aulas, qual seja, a seguinte afirmação de Saussure:

L'Université de Genève a tenu dès le premier jour, et à <bon droit>, à donner une place à la science du langage; elle l'a fait en créant le cours de Linguistique et a résumé ainsi sous un nom très juste l'ensemble des études relatives au parler humain (SAUSSURE, 1990[1891], p. 4)¹⁸.

Desperta-me a atenção que Saussure considere bastante adequado o título *Linguistique* que a Universidade de Genebra escolheu dar para os estudos sobre o falar humano. Isto posto, considero oportuno tratar dos referidos manuscritos saussurianos que contêm a sua *Critique de l'expression Grammaire Comparée*. A primeira nota que analiso é aquela doada à Biblioteca Pública da Universidade de Genebra em 1958 e catalogada por Godel sob a rubrica 3951, junto às conferências e à segunda das notas sobre as quais me debruço, sob o título *Notes de Linguistique Générale*, como foi dito antes. No envelope em que a nota doada em 1958 estava, constava a inscrição *Genève, « Cours »* (GODEL, 1960). Ainda que não se saiba a data precisa desse manuscrito, essa inscrição permite inferir que a nota tenha sido escrita após a sua chegada à Universidade de Genebra em 1891. A semelhança de seu conteúdo com o da nota previamente catalogada e a inclusão de ambas junto às conferências na seção temática de manuscritos saussurianos relativos à Linguística Geral justificam a leitura conjunta que é feita desses escritos nessa seção.

Saussure inicia a primeira de duas notas a destacar a vantagem que o título do curso que está prestes a ministrar possui: a de preparar o auditório para o estudo da língua em si mesma. Conforme o autor, o título *grammaire* explicita que não serão tratados aspectos relativos à Literatura das diferentes línguas. A palavra “*grammaire*”, seja ela ou não “*comparée*”, explica Saussure, faz entrever que os monumentos literários produzidos em um determinado idioma compõem aos estudos de um curso de Gramática Comparada somente na medida em que constituem um testemunho do idioma em si ou de um estado desse idioma. Apesar dessa vantagem, o autor

que se chega enfim a compreender, profundamente, definitivamente, a absoluta presunção e inutilidade de uma denominação diferente, como latim ou francês” (SAUSSURE, 2004, p. 143).

18 Tradução de Salum e Franco: “A Universidade de Genebra fez questão, desde o primeiro dia, e com razão, de dar um lugar à ciência da linguagem; ela o fez criando o curso de Linguística e reuniu, assim, sob um nome muito correto, o conjunto dos estudos relativos ao falar humano” (SAUSSURE, 2004, p. 130).

afirma: “A tous les autres points de vue, on peut dire que le terme de grammaire comparée, inventée à une époque où ces études étaient encore dans leur phase embryonnaire, ne satisfait pas l’esprit” (SAUSSURE, 1990, p. 14)¹⁹. Disto decorre, continua o autor, a necessidade de cercar esse termo de todo tipo de reserva.

A primeira ressalva posta por Saussure diz respeito ao papel da comparação nos estudos da história das línguas. Ele, então, questiona:

On est arrivé, <on ne sait trop pourquoi,> à faire du linguiste essentiellement un comparateur. Il est entendu que l’astronome observe et calcule, que le critique critique, que l’historien raconte, et que le linguiste compare. Pourquoi le linguiste comparerait-il, ou pourquoi serait-il condamné de <son métier> à comparer? (SAUSSURE, 1990, p. 14)²⁰.

Embora reconheça nessas questões uma preocupação com o fazer do linguista, explícito que, a meu ver, a problematização do lugar do método comparativo na ciência da linguagem coloca uma questão sobre a própria natureza dessa ciência. Por isso, tomei como ponto de partida para essa subseção justamente a afirmação de Saussure, nas conferências, sobre a adequada atribuição do título *Linguistique*, pela Universidade de Genebra, aos estudos do falar humano. Parece-me que a resposta de Saussure é clara: a Linguística não se reduz à comparação. Resposta essa talvez demasiado evidente para o linguista do século XXI, mas cuja explicitação era fundamental ao linguista do século XIX, que outorgava à comparação o monopólio dos estudos linguísticos, como diz de Mauro (1997[1967]). Para explicitá-lo, era então necessário mostrar ao linguista o que ele faz.

A posição mencionada é claramente posta nas próprias notas. Nelas, Saussure diz que, apesar de ter-se feito do linguista um comparador, este é, na verdade, o método menos fundamental para o seu estudo. Se se recorre a ele, isto se deve ao fato de a história das línguas ser repleta de lacunas. Saussure (1990[1891], p. 14) exemplifica com as línguas românicas: “1. *Patre (m) – Père, Tectum – Toit. 2. Fuente – Lacune. 3. Tuttus – Autre lacune*”. Essa posição é ratificada pelo autor na nota seguinte, na qual ele descreve a comparação como a solução encontrada pelo linguista, na ausência de outra melhor, diante das lacunas da história das línguas. É por isso que a comparação, muitas vezes, acaba por ser a única fonte de informação de que dispõe o linguista, fonte essa “*précieuse au point de pouvoir tenir lieu du document direct*” (SAUSSURE, 1990, p. 15)²¹. Ainda assim, Saussure observa que não se deve negligenciar as ideias falsas que o termo Gramática Comparada faz suscitar nem as exclusões no domínio dos estudos implicada pela expressão. Como diz o autor:

[...] <ce terme de grammaire comparée exclut, selon l’acception courante, les ramifications modernes de l’indo-européen> telles que la famille des langues romanes ou même celle des langues germaniques dans leur développement plus récent: parce qu’en effet sur ce terrain la comparaison cesse d’être un instrument très nécessaire grâce à la continuité de la tradition historique (SAUSSURE, 1990[1891], p. 15)²².

19 Tradução de Salum e Franco: “De todos os outros pontos de vista, pode-se dizer que o termo Gramática Comparada, inventado em uma época em que os estudos estavam ainda em sua fase embrionária, não satisfaz o espírito” (SAUSSURE, 2004, p. 150).

20 Tradução de Salum e Franco: “Acabou-se, não se sabe bem por que, por fazer do linguista um comparador. Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?” (SAUSSURE, 2004, p. 150).

21 Tradução de Salum e Franco: “[...] preciosa, ao ponto de substituir o documento direto” (SAUSSURE, 2004, p. 151).

22 Tradução de Salum e Franco: “[...] esse termo Gramática Comparada exclui, segundo a aceção corrente, as ramificações modernas do indo-europeu, tais como a família das línguas românicas ou até mesmo a das línguas germânicas em seu desenvolvimento mais recente, visto que nesse terreno a comparação deixa de ser um instrumento muito necessário graças à continuidade da tradição histórica” (SAUSSURE, 2004, p. 151).

Esse conjunto de ideias falsas, constata Saussure, tem levado os linguistas a optarem pelo título *Histoire des langues indo-européennes* para cursos comumente intitulados de *Grammaire Comparée*. Ainda assim, o autor não exclui a comparação do domínio da ciência da linguagem. Pelo contrário: reserva-lhe um lugar bastante preciso e rejeita a existência de uma Gramática — então entendida como a história de um idioma — que não admita a comparação como um meio legítimo de sua investigação. Ao mesmo tempo, o mestre lastima outro equívoco advindo dessa expressão: o de fazer acreditar que existe outra Gramática dotada de cientificidade que não seja a Gramática Comparada. Saussure (1990[1891], p. 15) é, então, incisivo: rejeita o epíteto “*compareteurs*” aos linguistas e reconhece na Gramática Comparada não uma “*tendance ni une école ni une méthode particulière. C’est <simplement> la seule manière de faire de la grammaire*”²³.

Essas considerações não contrastam com aquelas do *Curso de Linguística Geral*²⁴. No capítulo “As duas perspectivas da Linguística diacrônica”, Saussure (2012[1916], p. 281) distingue as perspectivas prospectiva, “que acompanha o curso do tempo”, e a retrospectiva, “que o remonta”. Tal distinção implica uma diferença de métodos: à primeira compete criticar os documentos de que se dispõe e desenvolver um ponto da história de uma língua; à segunda cabe a aplicação de um método reconstrutivo apoiado na comparação. Dado que a comparação é o único meio para a reconstrução linguística, decorre que ela não possui outra finalidade que não seja a reconstrução. É isso que Saussure propõe ao abrir o capítulo “As reconstruções”, ratificando-o mais à frente: “A comparação resultará sempre em uma reconstrução de formas” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 290).

Novamente, é preciso não negligenciar o papel que a comparação possui para Saussure. Se ele parece concebê-la como um método acessório de que se serve a Linguística na ausência de outro melhor, o avanço da leitura desfaz essa impressão. Nesse mesmo capítulo, o linguista coloca duas questões que nos ajuda a repensá-lo: “Mas visa a consideração do passado à reconstrução das formas completas e concretas do estado anterior? Ou se limita, ao contrário, a afirmações abstratas, parciais, referentes a partes das palavras [...]?” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 290). A resposta que Saussure fornece é que ela pode contentar-se com a segunda das opções e que o seu método não se deve prestar senão a essas considerações parciais. Afinal, é justamente a soma de fatos parciais que permite a obtenção de conclusões gerais sobre o funcionamento de uma língua. Desta forma, o autor ilustra: “Para ‘cavalos’ em indo-europeu, foram sucessivamente supostos os termos *akvas, *ak₁vas, *ek₂vos, e por fim *ek₁wos; só o s e o número de fonemas não sofreram alteração” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 291). As diferentes formas que assumem as diferentes proposições para “cavalos” em indo-europeu não anulam a conclusão geral de que se conhece com precisão o número de fonemas que compõe essa expressão.

A partir dessas considerações, Saussure afirma:

O objetivo das reconstruções não é, portanto, restituir uma forma por si mesma, [...] mas cristalizar, condensar um conjunto de conclusões que se creem acertadas, segundo os resultados que foi possível obter a cada momento; em outras palavras, registrar o progresso de nossa ciência (SAUSSURE, 2012[1916], p. 291).

Compete à reconstrução e à comparação linguísticas não a totalidade dos estudos linguísticos, mas a verificação, na ausência de documentos diretos, dos fatos gerais, de ordem sincrônica ou diacrônica, da língua (SAUSSURE, 2012[1916], p. 291) por meio das conclusões parciais a que elas permitem chegar. Ora, é justamente essa a competência da Linguística, a qual é posta, também, nas conferências:

[...] *vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues*

23 Tradução de Salum e Franco: “[...] uma] tendência, uma escola ou um método particular. É, simplesmente, a única maneira de fazer gramática” (SAUSSURE, 2004, p. 151).

24 Cf. SAUSSURE, F. “Quinta Parte – Questões de Linguística Retrospectiva”. SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

sont primordiallement régies par certains principes qu'<en> sont résumés dans l'idée du langage, est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable. Sans cesse, par conséquent, l'étude générale du langage s'alimentera des observations de toutes sortes qui auront été faites dans le champ particulier de telle ou telle langue (SAUSSURE, 1891, apud GODEL, 1954, p. 65)²⁵.

Destaco, mais uma vez, (I) a estreita relação e complementariedade entre o estudo das línguas e o da língua (termo que, nas conferências, oscila com linguagem)²⁶, i.e., entre o particular e o geral; e (II) a concepção de que as línguas, não obstante a sua multiplicidade, são regidas por certos princípios gerais a que se dá o nome de língua(gem). Decorre dessas considerações a necessidade de repensar a crítica à expressão Gramática Comparada feita por Saussure, sobretudo ao fato de que ela pode levar ao equívoco de que há outra Gramática científica que não a que se serve da comparação. Recordo o sentido preciso que Saussure (1990, p. 15) dá a essa expressão: “[...] *la grammaire bien comprise n'est <autre chose> que l'histoire d'un idiome*”²⁷. Ao reservar à Gramática o estudo da história de um idioma, estaria Saussure distinguindo aquilo que, no *Curso*, será batizado de Linguística diacrônica? Fica o questionamento.

Acredito que tudo o que foi exposto corrobora a minha hipótese de que a língua é o cerne daquilo que percebo como um entrelaçamento: para Saussure, cumpre esclarecer, primeiro, a língua para mostrar ao linguista o que ele faz e mostrar à Linguística em que consiste o seu domínio, a que se prestam os métodos que compõem o seu programa, pois, uma vez mais nas suas palavras: “Em seus primórdios, a Linguística indo-europeia não compreendeu o verdadeiro fim da comparação nem a importância da reconstrução” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 285). Recordo que uma das razões às quais o linguista genebrino atribui os erros da Linguística de seu tempo é, justamente, a ausência de uma definição da natureza de seu objeto, o que impossibilita qualquer ciência de estabelecer um método para si. Por outro lado, o esclarecimento da língua não é possível se não se estudar as línguas. Ora, de Mauro (1997[1967], p. 360) bem observa existir nas conferências uma complementariedade necessária entre as análises particulares e uma teoria geral da língua. Na realidade, essa articulação é posta como a condição necessária para uma ciência da linguagem autônoma, distinta da Filosofia, da Psicologia e de todas as outras áreas às quais a língua(gem) possa interessar, na medida em que é por meio dessa articulação que se pode alcançar aquilo que é próprio da língua, e é do próprio da língua de que a Linguística se deve ocupar. Nas palavras do autor:

Le physiologiste, le psychologue et le logicien pourront longtemps dissenter, le philosophe pourra reprendre ensuite les résultats combinés de la logique, de la psychologie et de la physiologie, jamais, je me permets de le dire, les plus élémentaires phénomènes du langage ne seront soupçonnés ou clairement aperçus, classés et compris, si l'on ne recourt en première et dernière instance à l'étude des langues (SAUSSURE, 1891, apud GODEL, 1954, p. 65)²⁸.

25 Tradução de Salum e Franco: “[...] querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão reunidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida. O estudo geral da linguagem se alimenta incessantemente, por conseguinte, de observações de todo tipo que terão sido feitas no campo particular de tal ou tal língua” (SAUSSURE, 2004, p. 128-129).

26 Essa oscilação, longe de ser algo cuja menção se deva evitar, parece-me revelar bem o caráter aberto da reflexão saussuriana na sua elaboração conceitual. Se no *Curso* o autor optará por língua para tratar desse aspecto geral, não é menos notável que, nas conferências, a estreita relação geral-particular se faça presente, bem como a necessidade de utilizar termos distintos para tratar de noções teóricas distintas e ainda em elaboração.

27 Tradução de Salum e Franco: “[...] a gramática bem compreendida é apenas a história de um idioma” (SAUSSURE, 2004, p. 151).

28 Tradução de Salum e Franco: “O fisiologista, o psicólogo e o logicista poderão dissertar longamente; o filósofo poderá retomar, depois, os resultados combinados da Lógica, da Psicologia e da Fisiologia, mas, eu me permito dizer, os mais elementares fenômenos da linguagem jamais serão vislumbrados, nem claramente percebidos,

Trata-se, pois, de dar um objeto para a Linguística concebida como ciência autônoma. A autonomia da Linguística é, aliás, explorada de forma contundente por Saussure em sua conferência de abertura, na qual ele se pergunta se, para que uma ciência exista, é necessário que ela forneça esclarecimentos a outras. É claro que esse é um critério que, apesar de a Linguística satisfazer, não é necessário à sua existência nem à de qualquer ciência, diz Saussure (1990[1891], p. 4). Para garantir a autonomia da ciência da linguagem, parece-me que o autor necessita, primeiro, mostrar ao linguista a natureza do fenômeno linguístico que ele toma como seu objeto, o que é inconcebível sem uma relação particular-geral, ou seja, línguas-língua, e, sobretudo, sem se colocar no terreno da língua em si. Expô-lo parece-me ser um dos intentos saussurianos que atravessa as conferências por meio da instauração do ponto de vista da história da língua. O objeto que Saussure concebe como o único passível de ser o objeto de uma Linguística verdadeiramente autônoma só pode ser a *língua*, compreendida, conforme coloca Milner (2021[1995], p. 51), como a combinação do *factum linguae* com o *factum grammaticae*²⁹. Como nota Agamben (2015) na leitura que faz de Milner,

a Filosofia, com efeito, se ocupa da pura existência da linguagem, independentemente de suas propriedades reais [...], enquanto a Linguística se ocupa da língua, na medida em que ela pode ser descrita em termos de propriedades reais, isto é, tem (ou melhor, é) uma gramática (AGAMBEN, 2015, p. 57).

Similarmente, diz Normand (2009, p. 33): “Para aquele que se diz linguista, a questão específica que o distingue em particular do filósofo é, a princípio: como analisar uma língua para compreendê-la enquanto tal, como descrever-lhe o mecanismo?”. Para a autora, essa questão implica um problema fundamental: a combinação da análise dos elementos em jogo em uma língua e da descrição de seu funcionamento significante segundo um método homogêneo. A preocupação com o método — o segundo aspecto de minha hipótese —, portanto, ao articular-se ao problema da definição do objeto, participa dos efeitos que essa definição produz e que entrelaçam *língua*, *linguista* e *Linguística* em Saussure. Afinal, essa articulação, em última instância, conduz à “necessidade de compreender como a língua funciona em tal caso particular e se é possível, comparando casos do mesmo tipo, definir propriedades comuns”, o que interessa ao linguista mais que ao filósofo, conforme Normand (2009, p. 33).

Esclarecido a partir de qual ponto de vista se pode apreender a natureza do objeto, esclarece-se também por que a Linguística não se pode reduzir ao comparatismo — o qual não pode deixar de integrá-la, mas realocado —, tampouco o linguista pode ser reduzido a um comparador. Há um funcionamento geral que governa a multiplicidade dos dados e que regem os eventos que se passam nas línguas particulares. O ponto de vista da história da língua, e a sua associação aos princípios da continuidade e da transformação linguísticas, repercute sobre a Linguística e o lugar do comparatismo, de modo que este é rejeitado como termo definidor do fazer do linguista e como expressão da Linguística enquanto ciência. Esta se ocupa, em primeiro lugar, desse caráter geral da língua e de seus fenômenos elementares, os quais fazem uma língua ser língua. É esse caráter que o estudo dos casos particulares vem aclarar, ao mesmo tempo que é aclarado por ele.

O comparatismo, para além de intervir em momentos específicos, não se presta necessariamente a construir uma forma pretérita de uma língua, mas a contribuir, através das formas pretéritas que efetivamente reconstrói, para o conjunto de reflexões gerais sobre a língua em si que

classificados e compreendidos, se não se recorrer, em primeira e em última instância, ao estudo das línguas” (SAUSSURE, 2004[1891], p. 128).

29 Milner (2021[1995], p. 50-51) define o *factum linguae* como “o fato de que aquilo que um ser falante fala merece receber o nome de língua”, enquanto o *factum grammaticae* é o “o fato de que as línguas sejam passíveis de descrição em termos de propriedades”. Há ainda o *factum linguarum*, ou seja, o fato das línguas “diversas, mas sempre formando uma classe homogênea”. Em se tratando da língua saussuriana, Milner (2021[1995], p. 51) diz que ela “é mais especialmente a combinação do *factum linguae* com o *factum grammaticae*, recaindo o foco principal sobre o primeiro em detrimento do segundo. É, no entanto, do segundo que a língua saussuriana tira suas características de constância e de abstração”.

constitui a Linguística. Não basta que o linguista compare ou reconstrua; ao mesmo tempo, excluir a comparação e a reconstrução do escopo da ciência Linguística é ilegítimo. Isso faz expandir o domínio da Linguística para além da pura comparação e da reconstrução, ao mesmo tempo em que delimita o seu escopo no tocante aos fenômenos da linguagem: ela só pode constituir-se ciência se se ativer ao fato de que o estudo da língua(gem) está contido no estudo das línguas, e que o estudo destas visa a esclarecer a língua(gem) em geral e em si. Não é tanto o método *per se*, mas a *atitude* do linguista diante do fenômeno. Atitude essa que só pode ser alterada e devidamente orientada se o linguista tiver os princípios teóricos diretores, os quais só podem ser obtidos a partir do ponto de vista em que se apreende a língua em sua verdade fundamental, naquilo que lhe é próprio. Afinal, conforme afirma de Lemos (1998) em referência ao que é posto no *CLG*, é justamente esse reconhecimento da ordem própria da língua que delimita a ciência Linguística em Saussure.

Considerações finais

Para concluir, retomo a afirmação de Silveira (2007) de que existe, na *Première Conférence*, um deslocamento operado por Saussure em direção à ordem própria da língua. Esse deslocamento encontra na história da língua um ponto de ancoragem importante: explicitar que a língua possui um mecanismo próprio de funcionamento. Esse gesto não é isento de consequências sobre o fazer do linguista diante dos princípios explorados por Saussure, tampouco sobre a Linguística. Desta forma, a língua, o linguista e a Linguística entrelaçam-se em suas implicações, qual seja, a operação das demarcações fundadoras, como diz Normand (2009), pois é justamente a língua que promove esse entrelaçamento ao perpassar uma compreensão saussuriana dos demais. Conforme observa de Lemos (1998, p. 27-28), a mobilização saussuriana visa a fazer da Linguística uma ciência, e “o que isso minimamente significa é um compromisso com o objetivo de cernir o que é próprio da língua, de modo a restringir o domínio em que se podem construir proposições sobre ela”.

Ao enfatizar o ponto de vista da história da língua, Saussure esboça uma compreensão de língua e dos princípios capazes de mostrar ao linguista *o que ele faz* ante os fenômenos que toma por objeto. Doravante, é exigido do linguista outro posicionamento diante da língua, agora minimamente compreendida como dotada de uma organização própria. Essa organização não pode ser percebida sem se colocar no terreno da língua em si, a partir do qual se pode buscar, no estudo das línguas, os “fenômenos elementares”, bem como verificar estes nos casos particulares. Com esse gesto, Saussure dá um passo rumo à reorganização do campo, retirando a Linguística do jugo da comparação, a qual realoca, e conferindo-lhe um princípio diretor capaz de assegurar a sua autonomia. Isso, a meu ver, aclara a insistência de Saussure, nas notas *Critique de l'expression Grammaire Comparée*, sobre a impossibilidade de se reduzir o linguista a um comparador e a Linguística, à comparação — o que repercute diretamente no título que se atribui a esse conjunto mais amplo de estudos, amplitude essa, por sua vez, guiada por um princípio teórico delimitador.

Antes de finalizar, é importante ressaltar os limites das reflexões feitas neste texto, que não intenta tirar os méritos do *Curso* quanto à dita fundação da ciência Linguística por Saussure. O meu objetivo não foi identificar o êxito (ou não) desse gesto de assegurar a autonomia da Linguística nas conferências, mas de recuperar ali os indícios dessa inquietação, visto que, como nota de Lemos (1998, p. 22-23), a reivindicação da autonomia da Linguística por Saussure advém de seu reconhecimento de que existe uma ordem própria da língua. Se um deslocamento em direção à ordem própria é operado nas conferências, trata-se, antes, de buscar nesse deslocamento efeitos sobre a concepção saussuriana do fazer do linguista e do domínio da Linguística sob a forma de questões *teóricas*. Creio que as conferências revelam algo das tentativas de Saussure de elaborá-las e respondê-las, que encontram eco em outros escritos seus e que não cessarão ao longo de seu percurso de teórico da Linguística e de linguista-pesquisador. Por isso, digo que a língua, o linguista e a Linguística são as ramificações de uma só questão que se impõe a Saussure. Questão essa, por sua vez, fundamental.

Referências

- AGAMBEN, G. Filosofia e Linguística. *In*: AGAMBEN, G. **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- AUROUX, S. Les antinomies méthodologiques. *In*: AUROUX, S. (Ed.). **Histoire des Idées Linguistiques**, T. 3: L'hégémonie du comparatisme. Liège-Bruxelas: Pierre Mardaga, 2000.
- BENVENISTE, É. Saussure após meio século (1963). *In*: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1995[1966].
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DE LEMOS, C.T.G. Interrelações entre a Linguística e outras ciências. **Boletim da ABRALIN**, v. 22, p. 19-32, 1998.
- DE MAURO, T. Introduction. *In*: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica e comentada por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1997[1967].
- DE MAURO, T. Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. *In*: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica e comentada por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1997[1967].
- ENGLER, R. Avant-Propos. *In*: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica por Rudolf Engler. Tome II: Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990[1974].
- FLORES, V.N. O linguista e a Linguística no CLG. **Nonada: Letras em Revista**, v. 1, n. 12, p. 28-41, 2009.
- GODEL, R. Notes inédites de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 12. Genebra: Librairie Droz S.A., 1954, p. 49-71.
- GODEL, R. Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis à la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 17. Genebra: Librairie Droz S.A., 1960, p. 5-11.
- MILNER, J-C. **Introdução a uma ciência da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2021[1995].
- NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].
- SAUSSURE, F. Cours d'Ouverture I, II & III (1891). *In*: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica por Rudolf Engler. Tome II: Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990[1974].
- SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica por Rudolf Engler. Tome II: Appendice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990[1974].
- SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004[2002].
- SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- SILVEIRA, E. A produção teórica de Saussure em dois manuscritos do fim do século XIX. **Investigações**, v. 26, n. 2, p. 1-31, 2013.

Recebido em 10 de junho de 2022.
Aceito em 13 de julho de 2022.